

## 7 poemas de **Alexandra Vieira de Almeida**

[poemas dos livros **40 Poemas** e **Painel**, 2011]

### **Poesia**

A harpa tocada por uma flor. A face se forma em tom maior. Um viço fosfórico inebria minha dor. Idílio olvidado por um recurso banal. Botânica ilógica acende uma chama. Do laço final, um estratagema reclama. Uma dose de droga impõe um castigo. Latente maquinaria de um som moribundo. Sobreaviso divino de uma mudança. Titubeia a gaivota sobre a harpa de ouro. Flor nascente no peito do artista. Violeta é a cor de sua devoção. Congregação de minhocas trabalha no estio. O homem colhe a cólica de seu desvio, do Paraíso gélido de uma nota dissonante. Invólucro de um quadrado extraído do verbo, sua verve se expõe na fluidez dos versos. Sedimentos de venenos amadurecem de uma árvore da montanha. Poesia se esfacela na ruína do mundo.

### **A literatura**

A literatura na sombra. O poeta no exílio: sua comunicação. Folhas soltas em versos epigramáticos. A magia da letra vermelha no escuro. Fagulha que explode palavras envelhecidas, porém doces como rosas. Um habitar terreno no abanar das asas de um anjo-poeta. Travessia: o papel se esconde na pele escamosa. Dilacerações em faces duplas de vulcões sonoros. Na fina letra, o sonho que se mescla ao sono.

### **Confusão**

Deus habita o castelo de meu devaneio noturno  
Abnego a abulia de um ser inconsequente  
A alavanca contorce pêssegos na estrada da razão  
Não sonhe com anjos e demônios em contenda  
O camundongo toca a campainha da loucura  
Casta, a moça fia a rede de uma agonia  
Angústia de uma cômoda sobre o solo vazio  
Concerto de uma concha no ouvido de um menino  
Eclode a doçura de uma vértebra quebrada  
Não há paixão numa corda esticada por Deus  
Infecta, a pele queima ilusões de monstros  
Madrigal eterno ecoa no cérebro de um vegetal

Opulenta manobra de um orangotango no escuro  
A poeira sacode as núpcias de um casal  
Preta é a cor de sua urina, carvão soturno  
Uma prisão de um feto na coxa de um deus pagão  
Ferramenta de um escriba é um feixe de seu cabelo  
Não deixe a memória esvaziar a sua solidão  
Devoto, um peixe apanha sua isca  
Retrato de uma cova na abertura de seu crânio  
O coveiro joga a pá num mar de serpentes  
Cisne deixa o castigo inverter sua cicatrização  
Cego, o homem censura a postura de sua demência  
Doure um pedaço de carne podre com o sol de seu saber  
Confusa, a mente não escolhe a esfera de um poder.

### **Conto**

Cante a memória da casa primeira que te deu abrigo  
A cor da letra de teu nome despista a sombra  
A festa te deu o lume de um encontro  
Passe sobre as ruas sacudindo as portas inquietas  
Do pó entristecido pela lua  
o esqueleto sorri do medo de tua face  
Os cavalos marinhos dançam na escuridão de teu quarto  
Veja o sol com o frio instinto de teu corpo  
Nas passagens laterais, as frestas da derrota não encontram  
o final do abismo de palavras e lendas  
Da magnífica flor de seus olhos  
surgem planetas que constroem o acaso  
O conto de suas noites de espera de 1.000 constelações  
envelhece os trigos arenosos de tua boca sedenta  
A escada conduz ao terremoto de palavras em colisão  
Conte a história de seus pequenos objetos  
A trajetória de seus cabelos desenha o rosto de seu amado  
Cortes transversais de gelo endurecem a tua pele  
No conto principal és o último refúgio dos desesperados.

### **De seus lábios**

De seus lábios,  
a doçura de um minotauro acovardado  
O laço que nos prende  
comove todas as alcovas do mundo  
De seus lábios,

a morte que inebria como uma taça de vinho raro  
Flores envergonhadas pelo vento  
vem cantar a memória de nossos corpos  
A vela não se apaga após três doses de sombras  
No desenho de seus lábios  
a figura de um rubi quebrado ao meio  
A floresta lá fora  
assusta as feras de seus sonhos de madrugada  
Estirpe rara de nosso sangue matrimonial,  
de seus lábios vê correr o sangue fatal do sono tranquilo.  
O céu ameaça atacar todos os desejos cerimoniais  
De seus lábios jaz o dilúvio de um encontro não marcado.  
De seus lábios inscreve-se a palavra ignota  
de meus anos de espera mal calados  
pela esfera incandescente da noite.  
De seus lábios, atiras-me no abismo  
de monstros e assombrações  
De seus lábios, a morte não encontra refúgio  
De seus lábios...

### **Sossego**

Monólogos de tigres ociosos  
na penumbra, a noite cala a veia  
Trigos adormecidos na vértebra da caverna  
os escuros pontos da morte não se escondem  
O chão se abre para a passagem dos renascidos  
O vento atira palavras de cimento e cal  
Tristes mares invadem o espelho da memória  
para conter os risos inconsoláveis dos palhaços  
A escuridão se apaga após a voz de um sonâmbulo profundo  
Não há atalhos que neblinem a floresta de morcegos  
A tempestade devasta as estações da derrota  
O sossego se encarrega de florescer a natureza.

### **Vazio**

Proponho-me a encontrar a hora infinda  
em que as borboletas sobrevoem  
os vácuos antecipados pelo vento  
A inércia se quebra pela voz  
do verso que traz o presente  
de crianças ensolaradas  
Mesmo a mitologia das vespas  
silenciam as memórias do poeta  
que inventa madrugadas

no labirinto dos corpos  
redescobertos pelo som e movimento  
Dodecaedro enigmático  
se abre nos olhos da insônia  
Projeto-me na nuvem serena  
que desenha a trajetória do esquecimento  
Inabitada pela sombra  
reparto-me em várias dimensões  
que se alastram no vazio.

---

**Alexandra Vieira de Almeida** é doutora em Literatura Comparada (UERJ), professora, crítica literária e poetisa. Publicou o livro *Literatura, mito e identidade nacional*, em 2008. Tem dois livros de poemas publicados pela editora Multifoco: *40 poemas* e *Painel* (2011).